

## TRILOGIA FUNESTA

Rogério Lobo Sáber\*

### I. Marcha fúnebre

quando a noite desponta enevoadada, mas com ávida e cruel fome de morte,  
sua crueldade não se enverga (não presta reverência) às necessidades prementes do homem:  
destroem-se sonhos — houve-os algum dia? — como quem simplesmente transita  
por um campo repleto de girassóis e (que por sem qualquer motivo aparentemente justificável)  
decide-se a nele atear fogo — gratuitamente, por razão estúpida  
qualquer

o dia desponta enevoadado, gélido, apartado de qualquer esperança:  
é quando a anciã — matriarca que assiste à derrocada da família ou, quem sabe,  
à ascensão de algo que ainda vem —  
se dá conta da perda de seu valor no mercado das ações cotidianas  
e é quando lhe assalta a consciência a verdade nua e feroz da realidade,  
a amarga constatação de que também sua despensa se encontraria completamente esvaziada,  
não fossem as patas traiçoeiras dos ratos arranhando o chão há muito  
desprovido de verniz  
qualquer

quando o meio-dia se anuncia de modo autoritário,  
é quando a humanidade reconhece que perdeu a batalha  
porque ela mesma fora responsável por escolhas imbecis em meio às contendas;  
a soalheira dissipa a névoa acumulada pela noite —  
mas antes permanecesse a esfumaçada condição  
que aos homens — criaturas de péssimo gosto e de duvidosa competência à escolha —  
servia como o anúncio e a confirmação de um paraíso  
qualquer

o pôr do sol paradoxalmente se ascende, impiedoso e fatal  
— definitivo como uma flecha que se lançasse contra o cerne da vida do adversário —  
e prenuncia o ocaso de esperanças e da boa-fé  
— embora não seja capaz de prenunciar a derrocada de violências múltiplas,  
de entorpecimentos existenciais, de aprisionamentos autocriados e autoimpostos (que de,  
qualquer, não têm nada) —  
o crepúsculo é agora nossa marcha certa, o único rumo de que não podemos duvidar:  
enquanto os ratos transitam na despensa  
enquanto a senhorinha não consegue se alimentar (e se decide sobre em que consiste sua  
participação na trama torpe das coisas)  
enquanto está consumada a dissipação da névoa e, em posição altaneira, a arrogância do ocaso  
enquanto o pôr do sol se desponta como o veredicto de uma marcha rumo à destruição

---

\* Professor permanente do PPGEduCS/Universidade do Vale do Sapucaí (Univás). PPGEduCS — Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade — Pouso Alegre, MG, Brasil. Pós-doutor em Estudos Literários (UFMG) e pós-doutor em Filosofia (FAJE). Doutor em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Líder do grupo de pesquisa “Estudos Interdisciplinares em Sociedade, Arte e Educação – EISAE” (Univás/Facapa/CNPq). E-mail: rogeriosaber@outlook.com.

o crepúsculo é a marcha certa —  
enquanto há marcha a ser cumprida  
enquanto ainda se crê, ingenuamente, no despontar de nova manhã —  
percebem, senhores, quantas atrocidades e truculências nos são impostas

— goela abaixo —

como alimentos que não preenchem a despensa  
mas que agradam — deliciosamente — os passos dos ratos?

## II. Inércia

Na interrupção das coisas é que se contempla o profundo:  
suspensas, elas se tornam menos arreadas e desvelam parcialmente  
sua própria engrenagem — algo de sua descompassada e inapreensível dinâmica;  
em estado flutuante, cessam ímpetos, pausam-se paixões, acalmam-se febres  
— silenciam-se vórtices interiores, elimina-se a pátina alucinatória da realidade.

Do questionamento de pessoas advêm incentivos (lançados em poeira) para a tolerância:  
indagadas, injustiças e toda forma de sofrimento impossibilitam-se — é ácido que se lança sobre  
a engrenagem que ou a corrói ou a interrompe;  
em estado de sítio, toda semente se torna envolta em forças de destruição  
— por isso toda forma de dúvida suspende o cárcere, ainda que temporariamente.

Pela destruição de processos se renovam existências:  
no bosque, é flecha disparada contra as bestas que garante alguma vantagem  
de sobrevivência  
ao caçador em semelhante estado de sítio;  
é implodindo o ladrilho que se alcança a verdadeira parede  
é refazendo a escrita em poeira que se encontram novas gramáticas  
é suspendendo coisas e pessoas e processos que se toca o cerne —  
que é estático, perene, poço infinito.

Apatia de um bambuzal  
calmaria em olhos de serpente  
forças apaziguadas em lago traiçoeiro —  
o que está aparentemente imóvel  
não é força destruída,  
mas ímpeto que destrói.

## III. Holocausto

### I

Quando age o Vento, pela sua essência,  
Refresca, é alento a quem consegue acariciar:  
Sejam as folhas recém-agraciadas pela chuva  
Ou secas agulhas fincadas que, do cemitério do outono, não podem se libertar.

— Éolo sopra e acalenta folhas conjuntas ou em solidão  
Tenras folhas, que mal viram a luz corrosiva do sol  
Ou folhas estioladas, que, no seu ocaso, já se encontram bêbadas da cor de uísque.

## II

Qualquer folha, pela sua essência, sabe por que amigo clama seu coração:

– Violento ou plácido vento, vento de gendarmaria.

– Sopro de Zéfiro que oscila entre o repouso e a atuação.

(Porque Zéfiro cultiva o ócio, como deuses afastados de sua selvageria.)

## III

São ventos amigos – mesmo com almas turbulentas, picarescas – que levantam papel das ruas  
– *Veja! Um folheto do recém-chegado circo pobre, ao qual ninguém comparecerá, já que o tão desejado carrossel está indecentemente quebrado! Amargue-se com a decadência de lonas nuas!*

Não abandonam seus desígnios as amigáveis aragens,

Zéfiros únicos que confortam a desolação imposta pelas medíocres estiagens.

– O Vento paralisou-se com os ponteiros do tempo. Com que a alma apaziguar?

Amigos-Zéfiro: o que levamos em nosso circo para, do trampolim, saltar.

## IV

Sementes abrigadas pela úmida terra e afagadas pelo Vento em um vasto Pomar.

Cansado de sua imutável rotina, congela em rancor sua alma ferina

Que, na viçosa primavera, jamais fará flores ou frutos brotar.

– E teve seu espírito aguilhoado, pois tinha de ser possível o curso das coisas alterar!

Corrompida sua alma, procura aliado e o impetuoso Relâmpago se põe a conquistar.

À espreita, aguardam furtivamente uma plúmbea nuvem para a vingança perpetrar.

Risca o céu o Relâmpago, fere o breu, cinde nuvens (que a ele sempre se curvaram).

Destila o Vento seu murmúrio sedutor e segreda sua intenção ao Cúmplice:

“Unamo-nos!”

– Firma-se a maldita aliança e está selada a condenação do Pomar.

“Impõe-te sobre as árvores do Pomar, ó Raio Ígneo!” – incita quem há muito aragem deixou de ser.

Mas as árvores, em aleia, permanecem cétricas: *Afinal, em que cena mínima, de figurantes de terceira categoria, teria um dia aparecido o Clarão maldito?*

“Retoma o trono que te pertence e comina o que necessário for para desfigurar a presunçosa Primavera!”

E o Credor já não podia mesmo admitir, engolir em seco, diminuir-se em sua centelha:

“A ajuda virá de mim”, sussurrou ferinamente o invejoso Éolo.

“Podeis ajudar? Quereis?”, replicou Corisco, já amealhando recursos para transbordar *ampères*.

“Por certo; nossa união, mesmo maldita, garante honrável desforra.”

“Como agir para que eu me sobreleve a quem duvidou de mim?”

“Lança o fogo sobre as tolas plantas que vivem a contar com o eterno retorno da Primavera e eu darei cabo da tarefa. De seu fogo, ininterruptamente serei fole incansável e a vindita está consumada.”

## V

E, por uma expiração forçada, o céu riscou-se, tornou-se quente.

E, de um clarão incomparável e de uma fúria ardente,  
Brotaram malditas brasas, aninharam-se em terra perversas sementes.  
Espalharam-se pelo Pomar, esterilizaram a vida com passo lento.  
– Sementes de ervas daninhas que selaram o Holocausto do Fogo e do maligno Vento.

VI

Há forças que devem permanecer asfixiadas na redoma da qual provieram.

**Data de submissão: 01/08/2022**

**Data de aceite: 18/11/2022**